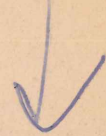


A109008

8



ITAÚNAS, DESASTRE ECOLÓGICO

O MELHOR CURTAMETRAGEM DO FESTIVAL DE BRASÍLIA

Cleusa Maria

PAISAGEM desolada, quase um deserto. Casas tragadas pela areia, testemunhas do desaparecimento da pequena vila de pescadores e agricultores e da vidinha que ali levavam entre o mar e o rio. São cenas de *Itaúnas, Desastre Ecológico*, de Orlando Bonfim, Neto, premiado como o melhor filme de curta-metragem, no 12º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Para seu realizador, Itaúnas pode ser considerada a síntese, em termos ecológicos, do desequilíbrio da natureza provocado pelo homem.

— O que me preocupa — diz Orlando — não é a ecologia em si, mas o fato de esse desastre ecológico ser resultado de um desastre maior, o do processo político, econômico, cultural.

A idéia de filmar Itaúnas surgiu quase que por acaso. Orlando e a equipe de filmagem estavam no Norte do Espírito Santo realizando um curta-metragem, *Canto Para Liberdade*, sobre a festa negra, Ticumbi tradição do quilombo de "nego Rugério" que viveu ali durante a escravidão. As filmagens se realizavam nas proximidades de Itaúnas. Através de pesquisa feita pelo jornalista Rogério Medeiros, Orlando tomou conhecimento da história da extinta colônia de pescadores.

— Fomos até o local e pudemos sentir o que havia sido aquela pequena colônia, com vida própria, e em que se havia transformado. Testemunhas da época lembraram que o processo de desequilíbrio começou em 1948, com o aparecimento de um fiscal da Prefeitura

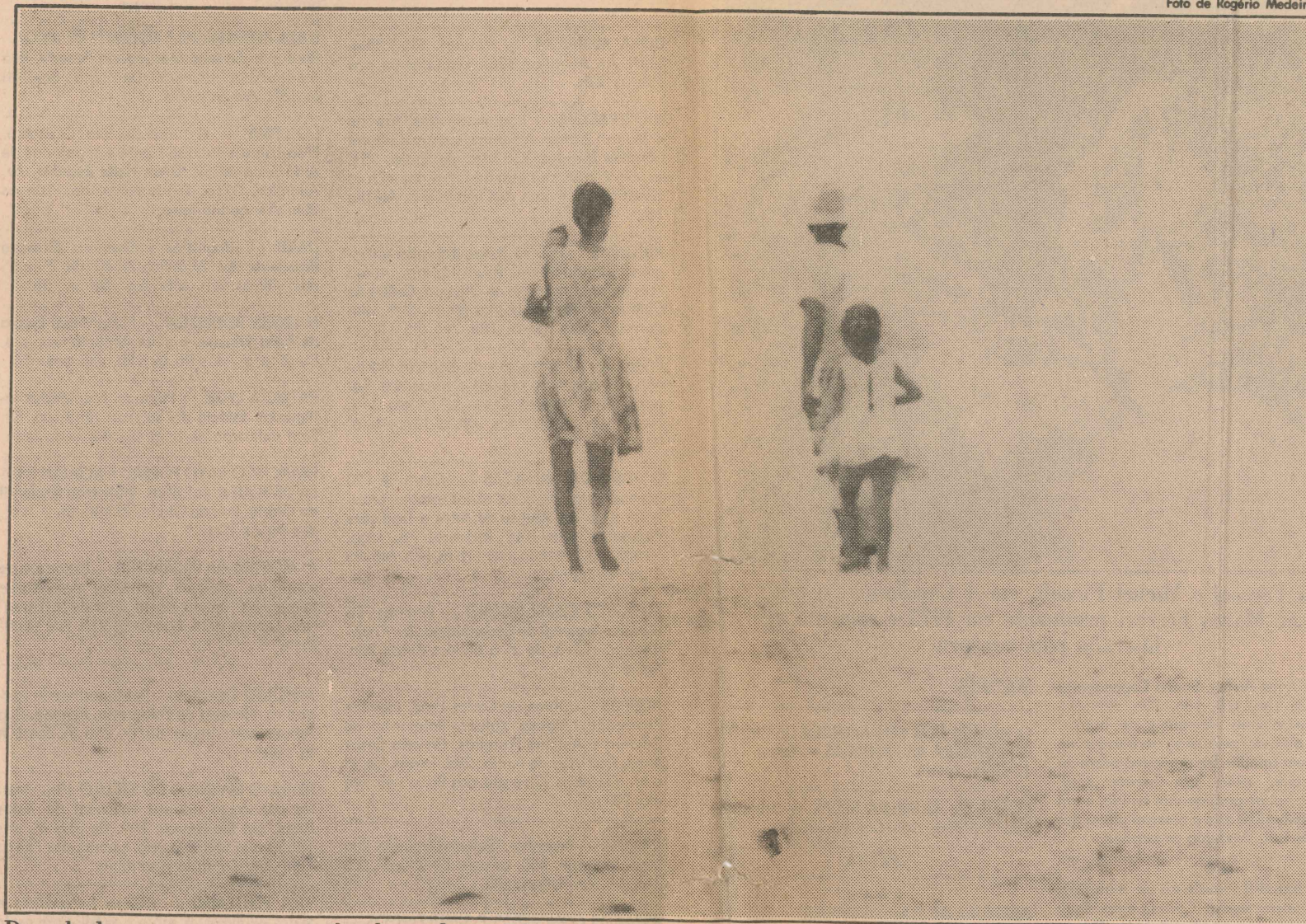


Foto de Rogério Medeiros

pode passar no mesmo cinema durante três semanas — e limitação do número de cópias.

Esses pontos, na opinião dos documentaristas, são fundamentais para que se possa garantir o acesso de muitos realizadores à produção. São eles, ainda, que evitam o domínio do setor pelo poder econômico das grandes empresas. Permitem a democratização da produção e a diversificação das realizações.

— O que a classe espera da Embrafilme, com a centralização da distribuição — diz Orlando — é que ela exerça uma política realmente eficaz de conquista do mercado. Se a empresa tem com ela todos os filmes produzidos, se pode distribuí-los de acordo com as características de cada um, poderá assim desenvolver uma política cinematográfica que atenda os interesses do cinema brasileiro.

Mas o que acontece, no momento, é que, aproveitando a fase de indefinição e transição da política cultural do Governo, os exibidores estão se apropriando, ou pela produção ou pela compra ilegal, de muitos filmes tomando o espaço de realizadores independentes.

— É preciso — afirma o presidente da ABD — que a Embrafilme tome uma posição mais enérgica. Diante de tais dificuldades, mesmo quando se tem um filme de alta qualidade, corre-se o risco de que não seja exibido.

Outro problema enfrentado pelo curta-metragem são os mandados de segurança contra a regulamentação conquistada pelos documentaristas. Importadores, distribuidores e exibidores de filmes estrangeiros entram

Derrubadas as árvores, a areia foi chegando, tocada pelo vento, encobriu as casas e expulsou os moradores, cena de *Itaúnas*.

O MELHOR CURTAMETRAGEM DO FESTIVAL DE BRASÍLIA

Foto de Rogério Medeiros

Cleusa Maria

PAISAGEM desolada, quase um deserto. Casas tragadas pela areia, testemunhas do desaparecimento da pequena vila de pescadores e agricultores e da vidinha que ali levavam entre o mar e o rio. São cenas de Itaúnas, *Desastre Ecológico*, de Orlando Bonfim, Neto, premiado como o melhor filme de curta-metragem, no 12º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Para seu realizador, Itaúnas pode ser considerada a síntese, em termos ecológicos, do desequilíbrio da natureza provocado pelo homem.

— O que me preocupa — diz Orlando — não é a ecologia em si, mas o fato de esse desastre ecológico ser resultado de um desastre maior, o do processo político, econômico, cultural.

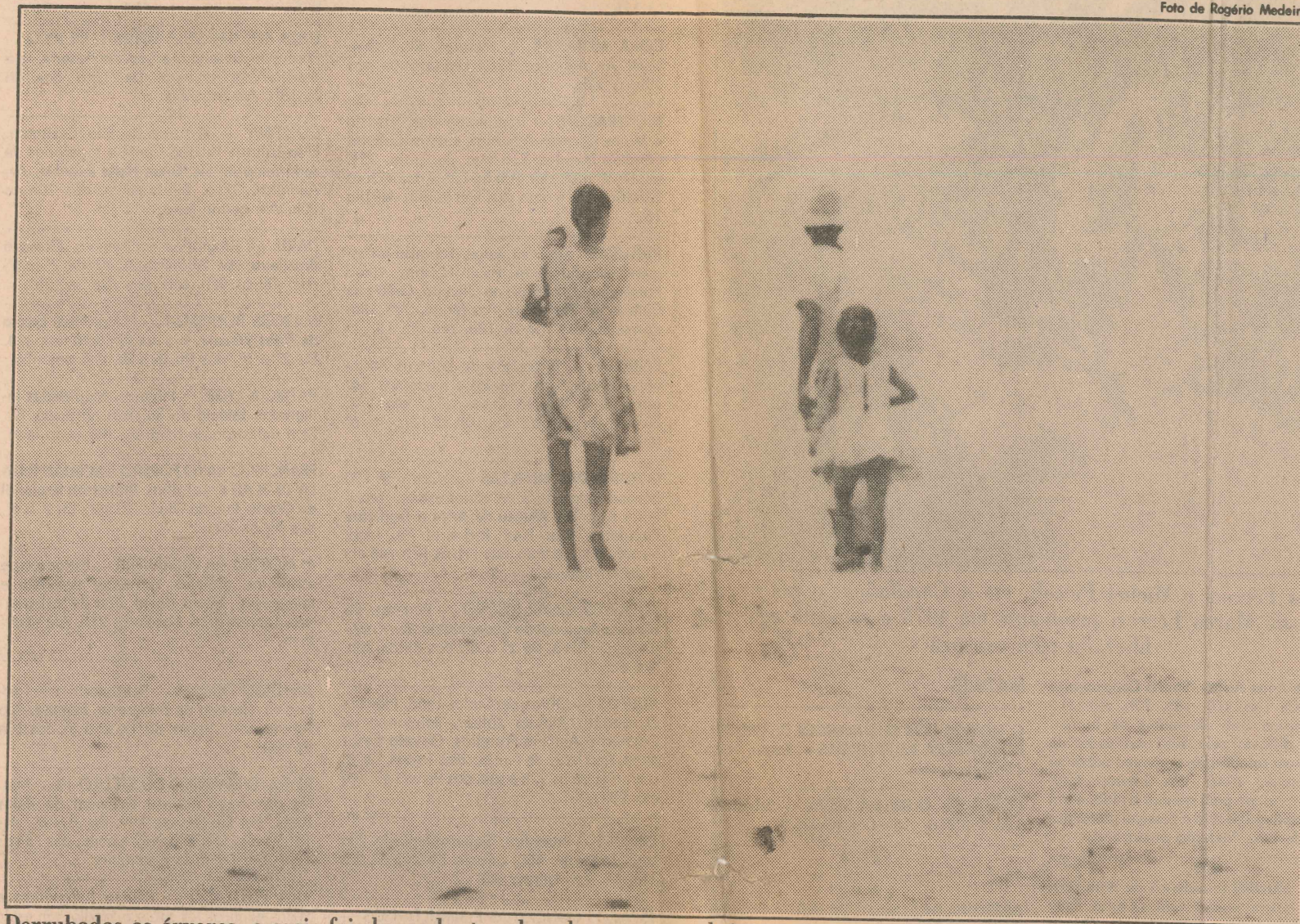
A idéia de filmar Itaúnas surgiu quase que por acaso. Orlando e a equipe de filmagem estavam no Norte do Espírito Santo realizando um curta-metragem, *Canto Para Liberdade*, sobre a festa negra, Ticumbi tradição do quilombo de “nego Rugério” que viveu ali durante a escravidão. As filmagens se realizavam nas proximidades de Itaúnas. Através de pesquisa feita pelo jornalista Rogério Medeiros, Orlando tomou conhecimento da história da extinta colônia de pescadores.

— Fomos até o local e pudemos sentir o que havia sido aquela pequena colônia, com vida própria, e em que se havia transformado. Testemunhas da época lembraram que o processo de desequilíbrio começou em 1948, com o aparecimento de um fiscal da Prefeitura vizinha.

O fiscal cortou a mata em frente à praia, mandou derrubar árvores grandes e, como diz um antigo morador “ai, ele roçou e a areia foi chegando, foi chegando...” A areia, tocada pelo vento, encobriu as casas completamente, expulsou os moradores que se retiraram para o outro lado do rio. Mas grande parte preferiu esquecer Itaúnas e se mudar para bem longe, tomada pelo medo e, depois, pela lenda de que até o mar iria invadir a região.

— O filme — explica Orlando, se baseia no desastre atual que é hoje a realidade de Itaúnas. Mas através de fotos e depoimentos de moradores, pudemos mostrar também o que foi a antiga vila de pescadores.

Embora premiado, aplaudido, Itaúnas, como os demais filmes de realizadores independentes, corre o risco de não ser exibido ou, pelo menos, de não ser veiculado de forma coerente com sua qualidade. E é como presidente da Associação Brasileira de Documentaristas que Orlando Bonfim Neto fala da luta, conquista, dificuldades e boicotes do curta-metragem no Brasil.



Derrubadas as árvores, a areia foi chegando, tocada pelo vento, encobriu as casas e expulsou os moradores, cena de Itaúnas, *Desastre Ecológico*

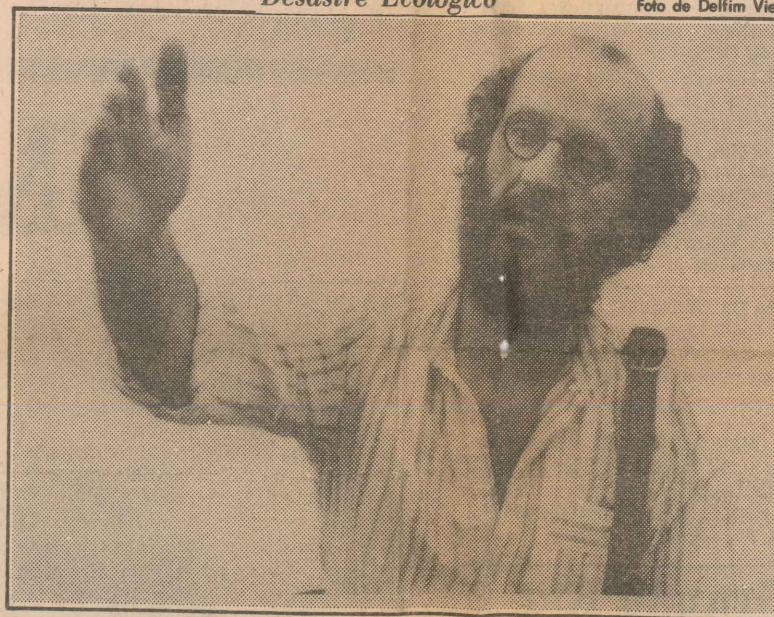
Foto de Delfim Vieira

A atuação da ABD permitiu, através de conquistas consecutivas, a regulamentação da obrigatoriedade de exibição do filme de curta-metragem. A regulamentação, por sua vez, possibilitou, um aumento de produção e de qualidade e, de um ano e meio para cá, foram produzidos mais de 200 curta-metragem, das mais diferentes tendências.

Para ele, pode-se dizer, com tranquilidade, que o filme de curta-metragem, hoje, tem contribuído para a divulgação de um amplo painel da realidade brasileira.

— É por isso que enfrentamos as multinacionais do cinema que estão decididas a destruírem não só o curta, mas o cinema brasileiro de modo geral. É importante entender que essa luta, apesar de travada pela ABD, só pôde se transformar em realidade, porque teve a adesão de todas as entidades que lutam pelo cinema nacional.

As conquistas, porém muitas vezes significam novas lutas. Hoje, ganhos como a regulamentação da obrigatoriedade, sofrem pressão “gigantescas”



Para Orlando Bonfim, Neto, os exibidores produzem filmes de baixo nível e os apresentam nas sessões de filmes estrangeiros de alta renda, numa “tentativa clara de incompatibilizar o espectador com o cinema brasileiro”

de empresas que defendem os interesses do cinema estrangeiro.

— Atualmente, os representantes do cinema estrangeiro, através dos circuitos de exibição mais ligados a ele, estão fazendo um boicote, uma verdadeira campanha de baixo nível, tentando desmoralizar o curta-metragem, de todas as formas. Estão produzindo filmes de baixíssimo nível e exibindo nas sessões de filmes estrangeiros (longas) de alta-renda. O que é uma tentativa clara de incompatibilidade do espectador com o cinema brasileiro.

Além disso, segundo Orlando Bonfim, Neto, veiculam notícias falsas nos jornais, usando filmes produzidos por eles mesmos com o simples intuito de desprestigiar o curta-metragem. Para a ABD, a maneira de solucionar o problema, seria centralizar a distribuição de todos os curtas na Embrafilme.

— O espaço de exibição do curta — lembra Orlando — como espaço cultural que é, tem de ser preservado. Nesse sentido, a regulamentação já prevê um teto de renda — 570 salários-referência — limitação de exibição um — curta só

pode passar no mesmo cinema durante três semanas — e limitação do número de cópias.

Esses pontos, na opinião dos documentaristas, são fundamentais para que se possa garantir o acesso de muitos realizadores à produção. São eles, ainda, que evitam o domínio do setor pelo poder econômico das grandes empresas. Permitem a democratização da produção e a diversificação das realizações.

— O que a classe espera da Embrafilme, com a centralização da distribuição — diz Orlando — é que ela exerça uma política realmente eficaz de conquista do mercado. Se a empresa tem com ela todos os filmes produzidos, se pode distribuí-los de acordo com as características de cada um, poderá assim desenvolver uma política cinematográfica que atenda os interesses do cinema brasileiro.

Mas o que acontece, no momento, é que, aproveitando a fase de indefinição e transição da política cultural do Governo, os exibidores estão se apropriando, ou pela produção ou pela compra ilegal, de muitos filmes tomando o espaço de realizadores independentes.

— É preciso — afirma o presidente da ABD — que a Embrafilme tome uma posição mais enérgica. Diante de tais dificuldades, mesmo quando se tem um filme de alta qualidade, corre-se o risco de que não seja exibido.

Outro problema enfrentado pelo curta-metragem são os mandados de segurança contra a regulamentação conquistada pelos documentaristas. Importadores, distribuidores e exibidores de filmes estrangeiros entraram na Justiça com uma ação de depósito cautelar, como informa Orlando Bonfim Neto.

— Do ano passado até hoje, filmes distribuídos pela Embrafilme estão com as rendas retidas em juízo. Esse depósito já está em torno dos Cr\$ 14 milhões. Ganhamos o mandado de segurança, mas a outra parte recorreu, dando entrada no Tribunal Federal de Recursos de uma apelação em mandado de segurança. Durante a realização do Festival de Brasília, procuramos o presidente do Tribunal, pedindo-lhe apenas que apresse o julgamento, por se tratar de profunda lesão aos nossos interesses.

Na mesma ocasião, foi entregue ao Ministro da Justiça, Petrônio Portella, um documento assinado por diversas entidades de classe. Entre as três solicitações feitas ao Ministro, uma lhe pedia, justamente, que estivesse atento aos mandados contra a legislação do cinema brasileiro.

— Pois a intenção específica — conclui Orlando — é desmoralizar a legislação e colocar a cultura brasileira na ilegalidade.